

EDUCAÇÃO E GEOGRAFIA LIBERTÁRIA: UMA CENTELHA NA GEOGRAFIA ESCOLAR

Emilio Saliveros Alderete¹

Resumo: Síntese de pesquisa bibliográfica sobre anarquia e educação, o artigo destaca Elisée Reclus, Piotr Kropotkin e Francisco Ferrer, cujas propostas pedagógicas de mais de um século apontam caminhos para superar problemas atuais da Geografia Escolar. Dada essa constatação, paralelos são estabelecidos e uma pergunta nos move: por que o ensino de geografia nas escolas insiste em se basear na memorização de fatos, números e nomes? A evidência dada a geógrafos incomuns na História do Pensamento Geográfico tem por objetivo lançar luz a referências que enriquecem o debate e podem apontar soluções para superar lapsos da Geografia Escolar. Busca-se ainda investigar por que o referencial teórico anarquista é menos frequente nas produções acadêmicas e, para isso, se faz uma diferenciação entre os socialistas libertários e os burocráticos. O leitor terá ainda acesso a uma breve História do Pensamento Anarquista em que se interligam as ideias de Proudhon à Bookchin.

Palavras-chaves: Anarquia; Geografia Anarquista; Geografia Escolar; Pedagogia Libertária.

LIBERTARIAN EDUCATION AND GEOGRAPHY: A SPARK IN SCHOOL GEOGRAPHY

Abstract: A synthesis of bibliographical research on anarchy and education this article highlights Elisée Reclus, Piotr Kropotkin and Francisco Ferrer, whose pedagogical proposals for more than a century may shows the ways to overcome current problems in School Geography. In view of this, there is a question that moves us: why does the teaching of geography in schools insist on being based on memorizing facts, numbers and names? That is why we are turning our gaze to unusual geographers in the History of Geographical Thought. The aim is shed light on references that enrich the debate and can point to solutions to overcome lapses in School Geography. It also seeks to investigate why the anarchist theoretical framework is less frequent in academic productions and, for that, a distinction is made between libertarian and bureaucratic socialists. The reader will also have access to a brief History of Anarchist Thought from Proudhon's ideas to Bookchin's one.

Key-words: Anarchy; Anarchist Geography; School Geography; Libertarian Pedagogy.

¹ Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa. Email: emilio.alderete@ufv.br

INTRODUÇÃO

Investigar a educação e uma geografia libertária é relevante tendo em vista que as pesquisas sobre elas, ainda que em ascensão, precisam ser mais aprofundadas e, principalmente, mais praticadas. A formação em Geografia com caráter de memorizar nomes e datas é uma problemática identificada desde muito, vide pesquisa bibliográfica (FERRER, 2010; KROPOTKIN, RECLUS, 2011.). Essa continua a ser questão para autores mais recentes que buscam superar essa realidade (GEBRAN, 1996; CAVALCANTI, 2002). O que nos provoca é: por que a Geografia Escolar continua a ser dessa forma? Ou o que falta à Geografia Escolar para mudar essa realidade?

É verdade que a precarização do sistema educacional constitui obstáculo, mas seria essa a única justificativa? Por ser um fenômeno social, não há apenas uma causa que o explique. Acreditamos que essa pesquisa não irá preencher uma lacuna tão espessa e trazer respostas para problemas antigos. Porém, essa centelha pode contribuir para a discussão teórica e indicar caminhos para a referência da prática pedagógica, como Nídia Pontuschka que resgata o conceito de Estudo do Meio do pedagogo anarquista Francisco Ferrer i Guardia. O tema *Geografia Libertária* não é comum em eventos regionais e nacionais. Destaco o relato de experiência apresentado no IX Fala Professor(a)!, em 2019, Belo Horizonte, de Marcelo Nunes de Azevedo, da UERJ, e Marco Antônio Tavares Pinto, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: *Estudo do Meio: uma prática libertária*.

Apesar das contribuições à geografia, Élisée Reclus e Piotr Kropotkin permanecem em segundo plano na História do Pensamento Geográfico. Segundo Paul Boino (2008, p.20) para Reclus, “a geografia deve ser um meio para compreender o mundo, analisar seus desequilíbrios, circunscrever seu equilíbrio, e um instrumento para ação política e para formar cidadãos no sentido anarquista”. Em Berdoulay (1981), vimos que Reclus era um confronto ao governo, enquanto o pensamento de La Blache, ausente dos aspectos sociais, era conveniente ao regime da 3ª República. Assim, Reclus, membro da Comuna de Paris, foi cassado, preso e exilado em 1871. Por outro lado, Vidal tornou-se o primeiro professor de geografia na Sorbonne. Assim, a única geografia científica reconhecida na França pós 1ª Guerra Mundial, era a lablachiana.

Kropotkin, por sua vez, em *O Apoio-Mútuo: um Fator de Evolução*, influenciado por William Godwin, combate os darwinistas sociais, que influenciados por Thomas Malthus, usaram de forma perversa as ideias evolucionistas a fim de legitimar o imperialismo europeu e naturalizar a dominação dos povos não europeus. O resultado dessa mentalidade são as cicatrizes na história. Ainda, Ferrer i Guardia foi julgado e executado pelo governo espanhol devido sua proposta pedagógica, na qual o ensino de geografia se inspirava na concepção dos geógrafos supracitados. Os três comungam da ideia de que a educação e a geografia propagadas pelo capitalismo são norteadoras de uma sociedade incapaz de lidar com aquilo de mais bonito que há no ser humano e na sua relação com o meio: a curiosidade e o poder de criação. No que diz respeito à sua função para com as crianças, Kropotkin afirma que a geografia deve desenvolver o interesse pelos fenômenos da natureza e despertar o desejo de conhecê-los e explicá-los. Em texto de 1885, o anarquista russo completa:

A Geografia deve cumprir, também, um serviço muito mais importante. Ela deve nos ensinar, desde nossa mais tenra infância,

que todos somos irmãos, independentemente da nossa nacionalidade. Nestes tempos de guerras, de ufanismos nacionais, de ódios e rivalidades entre nações, que são habilmente alimentados por pessoas que perseguem seus próprios e egoísticos interesses, pessoais ou de classe, a geografia deve ser – na medida em que a escola deve fazer alguma coisa para contrabalançar as influências hostis – um meio para anular esses ódios ou estereótipos e construir outros sentimentos mais dignos e humanos. Deve mostrar que cada nacionalidade contribui com sua própria e indispensável pedra para o desenvolvimento geral da humanidade, e que somente pequenas frações de cada nação estão interessadas em manter os ódios e rivalidades nacionais. [...] As pequenas diferenças de características nacionais, que aparecem especialmente entre as classes médias, tendem a ocultar a imensa semelhança que existe entre as classes trabalhadoras de todas as nacionalidades. É tarefa da Geografia esclarecer essa realidade, e com grande ênfase devido ao contexto de mentiras acumuladas pela ignorância, presunção e egoísmo. (KROPOTKIN; RECLUS, 2011)

Libertário remete à liberdade. Visto que a ideologia dominante se apresenta como realidade e se manifesta nos objetos que nos rodeiam, mercadorias que não mais as possuímos, mas sim que nos possuem (SANTOS, 2000), é necessário distinguir as noções de liberdade para os anarquistas e para os liberais, dado que o discurso único enquanto realidade faz de nós espíritos confusos suscetíveis à Globalitarismos. Incapazes de diferenciar fatos de opiniões, surgem oximoros como anarcocapitalismo, que de base liberal, incentiva a individualidade e o egoísmo, propaga a liberdade e a propriedade privada, mas criminaliza o direito à moradia e à terra para marginalizados do *Sistema Totalitário Mercante*². A leitura inexata da crise reflete uma educação a serviço dos dominantes. Portanto, uma Educação Libertária é crucial. Quanto à visão anarquista, valho-me da liberdade de Mikhail Bakunin³:

Sou um amante fanático da liberdade, considerando que ela é o único meio em cujo seio podem se desenvolver e crescer a inteligência, a dignidade e a felicidade dos homens; não dessa liberdade formal, outorgada, medida e regulamentada pelo Estado, mentira eterna e que na realidade não representa nunca nada mais do que o privilégio de uns poucos fundado sobre a escravidão de todos; não dessa liberdade individualista, egoísta, mesquinha e fictícia, apregoada pela escola de Rousseau, assim como por todas as outras escolas do liberalismo burguês, que consideram o chamado direito de todos, representado pelo Estado, como o limite do direito de cada um, o que leva necessariamente e sempre à redução do direito de cada um a zero. Não, eu entendo por liberdade a única que seja verdadeiramente digna deste nome, a liberdade que consiste no pleno desenvolvimento de todas as potências materiais, intelectuais e morais que se encontram em estado de faculdades

² Termo presente em “ [Da servidão moderna](#) ” de Jean-François Brient e Victor León Fuentes.

³ Tal concepção, presente em *a comuna de paris e a noção de estado*, de 1871, texto de Bakunin, não foi formada por ele apenas. Além do fato de todo pensamento ser social, o texto data dias após o fim da experiência coletiva dos trabalhadores. O próprio Bakunin afirma: *A tarefa que me impus não é fácil, eu sei, e poderia ser acusado de presunção se acrescentasse a este trabalho a menor pretensão pessoal. Mas não existe tal coisa, posso assegurá-lo ao leitor. Não sou nem um sábio nem um filósofo, ou sequer um escritor de ofício. Escrevi muito pouco durante minha vida, e nunca o fiz a não ser em caso de necessidade, por assim dizer, e somente nos casos em que uma convicção apaixonada forçava-me a vencer minha repugnância instintiva contra toda exibição de minha pessoa em público.*

latentes em cada um; [...] Refiro-me a essa liberdade de cada um que, longe de se deter como diante de um limite frente à liberdade do outro, encontra, ao contrário, ali sua confirmação e sua extensão até o infinito; a liberdade ilimitada de cada um pela liberdade de todos, a liberdade pela solidariedade, a liberdade na igualdade; a liberdade triunfante sobre o princípio da força brutal e o princípio de autoridade, que não foi nunca mais do que a expressão ideal dessa força; a liberdade que, depois de ter derrubado todos os ídolos celestiais e terrenos, fundará e organizará um mundo novo, aquele da humanidade solidária, sobre a ruína de todas as Igrejas e de todos os Estados. (BAKUNIN, 1871, p. 76-77.)

Emma Goldman em livro lançado em 1910, com o título *Anarquismo e outros ensaios*⁴, define anarquismo como agrupamento livre de indivíduos que almejam produzir uma ordem social que garanta que todos tenham direito à terra e outras necessidades vitais. Além disso, entende que a anarquia serve para libertar da dominação estatal e religiosa. Feitas tais considerações sobre os conceitos que formam o título do artigo, devemos ressaltar que para o texto que se desenvolve, foram consultados, entre outros, os pesquisadores Sílvio Gallo, Amir El Hakim, Edson Passetti, Acácio Augusto, Marcelo Lopes de Sousa, Nídia Pontuschka, Lana Cavalcanti e Simon Springer.

DESENVOLVIMENTO

A Geografia escolar, se definida de forma reduzida, pode ser entendida como disciplina escolar que engloba uma série de conteúdos. No entanto, Zanatta (2010) destaca as propostas de Vesentini (1987), Pereira (1995), e Cavalcanti (1998, 2002) que são, segundo ela, capazes de vincular o ensino de Geografia a uma reflexão pedagógica, considerando o sujeito do processo de ensino e aprendizagem um sujeito ativo. Nesse sentido, Pontuschka (1999), salienta que a crítica à Geografia escolar, geralmente é voltada para o que se ensina e não para como é ensinado. Assim, Pontuschka e Sanchez Lopes em *Estudo do Meio: Teoria e Prática* demonstraram o potencial do ensino da Geografia e o papel do professor durante o processo educativo, que não é ser um mero reproduzidor de conhecimento científico. Além disso, salientam que a proposta do Estudo do Meio é uma prática pedagógica comum das Escolas Modernas de Ferrer i Guardia:

O Estudo do Meio não é uma prática pedagógica nova no universo educacional brasileiro. Faz parte, na verdade, de uma 'tradição escolar' que, inspirada em educadores tais como Francisco Ferrer i Guardia (1859-1909) [...] registros mostram sua realização em escolas fundadas por imigrantes europeus anarquistas que, no início do século XX, fixando-se, sobretudo em São Paulo, ocuparam os postos de trabalho na indústria brasileira nascente e em franco desenvolvimento na época. (LOPES, PONTUSCHKA, 2009)

Quanto à Geografia escolar, Lana Cavalcanti (2012), define como conhecimento ensinado e trabalhado em sala de aula, fundamental em referência à geografia acadêmica. Callai (2013) resalta que a primeira não é e não pode ser reprodução do que se passa nas academias. Segundo ela, o conhecimento da

⁴Disponível em: [Anarquismo: o que realmente significa? | dispor](#)

Geografia Escolar difere-se da Geografia Acadêmica, entre outros fatores, por ser influenciado pelas características do espaço escolar, do seu contexto e por possuir o objetivo de atender às finalidades sociais da escola.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) é recomendado que a Geografia escolar seja orientada segundo o construtivismo (ZANATTA, 2010). Isso significa entender o educando como sujeito ativo do processo formativo e considerar que ele já possuía conhecimentos anteriores ao contato com a escola, que devem ser levados em consideração na aprendizagem. Esses pressupostos convergem com a Educação Libertária. Portanto, a questão que deve ser colocada é: o que falta para a geografia ensinada ser libertária? Não ter tido uma educação libertária pode ser uma adversidade, mas não é o suficiente. Reclus, filho de um ministro protestante; Kropotkin da nobreza russa foi educado na aristocracia czarista; e Ferrer, na Espanha monarquista, filho de pais católicos, não tiveram experiências libertárias na sua formação escolar ou dentro de casa, mas foram capazes de propor novos modelos. Bakunin, contemporâneo aos demais, evidencia que educação da época era uma ferramenta para domesticar as massas: (e será que ainda não é?):

O fruto do demônio é tão atraente para os homens e o demônio da revolta – essa eterna inimiga do Estado – pode ser tão facilmente despertado nos seus corações quando estes não foram suficientemente embrutecidos, que **nem a educação, nem mesmo a censura podem garantir efetivamente a tranquilidade do Estado.** (WOODCOCK, 1977, p. 128-131, grifo nosso)

Aqueles cujo coração não foi embrutecido representam ameaça para o Estado. Como em 1984 de George Orwell, a educação é tão útil no controle dos corpos e das mentes quanto a censura. Combinados, servem para a manutenção do Estado sem contratempos. Podemos constatar que antigos problemas no ensino de geografia, permanecem:

[...] as análises do processo no cotidiano da sala de aula revelam que se insiste em um ensino de Geografia preocupado com a supervalorização da memória, [...] em detrimento do entendimento e da compreensão. Esse processo, de certa forma, leva a uma paralisia da atitude crítica do aluno e reforça, cada vez mais, a incapacidade de estabelecimento de relações entre os conhecimentos adquiridos, sem evidenciar as condições sócio-econômicas, culturais e históricas da realidade social. (GEBRAN, 1996)

Reclus há mais de um século já falava sobre o problema dos professores que arrancam das crianças a curiosidade e a vontade de aprender, ao passo que lhes empurram uma porção de nomes de rios, montanhas e canais, além de índices e valores numéricos, sem estimular os alunos ou tampouco trazer essas questões para a realidade deles. Reclus também destaca o uso do ensino da Geografia como formação ideológica de que cabia aos países europeus a apropriação dos recursos naturais de nações consideradas inferiores, em nome do desenvolvimento da pátria. Concepção reproduzida pela geografia oficial adotada pelo governo francês, fundamentado nas ideias de Vidal La Blache (PAULA, 2012).

A busca pela Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire contribui para se pensar em uma Educação (e Geografia) Libertária. Esse trecho evidencia as

semelhanças à concepção de Reclus, de Bakunin, de Cavalcanti, de Kropotkin e de Pontuschka:

Educador que, ensinando geografia, "castra" a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica. (FREIRE, 2002)

Ainda sobre as consequências do ensino de geografia mnemônico, associamos o comentário de Cavalcanti às preocupações da pedagogia racionalista:

[...] os alunos não conseguem formar um raciocínio geográfico necessário à sua participação ativa na sociedade; não conseguem assimilar de modo autônomo e criativo as bases da ciência geográfica que propiciem a formação de convicções e atitudes a respeito da espacialidade da prática social. Também não conseguem formar relações entre os conteúdos das aulas de Geografia e as determinações espaciais que permeiam, direta ou indiretamente, sua prática social diária. (CAVALCANTI, 1998)

Se a Geografia Política oficial é a Geografia do Estado (RAFFESTIN, 1980), que tem servido para fazer guerras (LACOSTE, 1989), uma Geografia Libertária ou Anarquista é uma geografia contra o poder do Estado. Em virtude do esgotamento da forma Estado (SOUSA, 2010), tanto no sistema capitalista quanto comunista, a produção de uma Geografia Libertária é fundamental. Vale destacar que, originalmente, as ideias anarquistas e comunistas eram próximas e até se confundiam. As pessoas genericamente eram chamadas de socialistas. O socialismo nasceu da necessidade de construir um espaço engendrado por relações sociais diferentes das impostas pelo capitalismo industrial, além da superação do ideal republicano. Já nesse período, havia aqueles que tinham superado a luta pela República, entendendo a falência do sistema de representações. A primeira pessoa a se autodenominar anarquista foi Pierre-Joseph Proudhon, que publicou, em 1840, livro fundamental para a teoria anarquista: *O que é a Propriedade? Ou, uma investigação sobre o princípio do Direito e do Governo*. Nele, quase 30 anos antes da publicação de *O Capital*, de Karl Marx, Proudhon afirma que o Estado se apropria da força social, o Capital se apropria das riquezas geradas pelos trabalhadores e a Igreja se apropria da consciência das pessoas. Além disso, expôs suas ideias sobre o mutualismo econômico, no qual a propriedade e os meios de produção coletivizados seriam a única propriedade aceitável, uma vez que ele repudiava o lucro capitalista, o trabalho assalariado e a exploração dos trabalhadores. Nesse contexto, Bakunin considerava as sociedades configuradas em estado uma farsa, pois, o Estado, seria para ele, um criador de relações artificiais, enquanto as pessoas teriam propensão à solidariedade e à liberdade. Logo, o Estado é inaceitável em nossas vidas. Vale destacar sua definição de Estado, uma vez que estamos falando de uma geografia que deve ser antiestatal. Para isso temos: "O Estado é um sistema de governo de cima para baixo em que uma minoria comanda uma imensa massa de homens das mais variadas classes sociais, ocupações, interesses e aspirações" (WOODCOCK, 1977, p. 129)

Esse posicionamento entra em conflito com as ideias de Marx, o qual defendia a criação de um Estado do Proletariado. Esse momento de ruptura entre os socialistas ficou marcado com a expulsão dos anarquistas da Primeira Associação

Internacional dos Trabalhadores (AIT). A partir daí, diferenciam-se os anarquistas ou socialistas libertários e os socialistas autoritários ou comunistas, os quais creem serem capazes de transformar a sociedade mantendo a estrutura do Estado. Dessa forma, são criados os partidos, que concorrerão a cargos estatais, mecanismo repudiado pelas anarquias. De fato, Bakunin previu a ditadura soviética em *Os perigos de um Estado Marxista*, no qual destaca o aumento das divisões sociais no complexo regime intelectualmente proposto por Marx e Engels. Vale lembrar que Bakunin morreu mais de 40 anos antes da Revolução Russa.

Será o reinado da “inteligência científica”, o mais aristocrático, despótico, arrogante e desdenhoso de todos os regimes. Haverá uma nova classe, uma nova hierarquia de verdadeiros e pretensos sábios e o mundo ficará dividido entre uma minoria que governará em nome da ciência e uma enorme maioria ignorante. (WOODCOCK, 1977, p. 130)

Liev Tolstói (2019, p.193) em *O Reino de Deus está em vós ou O Cristianismo apresentado não como uma doutrina mística, mas como uma moral nova* (livro de 1894, desaparecido por quase um século, e que o levou a ser excomungado pela Igreja Ortodoxa Russa), afirma que “qualquer que seja o partido que triunfar, para instituir uma nova ordem e conservar o poder, irá utilizar os meios de violência consagrados e inventar novos”. Ainda no mesmo livro, o pensamento do anarquista e cristão sobre o poder pode ser percebido:

A base do poder é a violência física. [...] O poder encontra-se sempre nas mãos dos que comandam os exércitos. [...]. Todos sabem que, ao contrário, os que o possuem - sejam soberanos, ministros, prefeitos ou guardas municipais - são sempre, por deterem o poder, mais inclinados à imoralidade, ou seja, a subordinar os interesses gerais aos interesses próprios, do que aqueles que não detêm o poder. (TOLSTÓI, 2019, p.168-169)

Dessa forma, a Geografia e a Educação Libertária, se contrapõem ao poder estatal, são anticapitalistas e anticlericais. Além disso, respeitam os tempos de aprendizagem, objetivam a autonomia e a participação ativa dos alunos, além de buscarem desenvolver o ser humano em sua plenitude. A Escola Moderna, preocupada em emancipar os filhos dos operários através da educação, contou com a colaboração de Kropotkin e de Reclus, que apontavam a necessidade de renovar os conteúdos ministrados nas aulas de Geografia. Seu período de funcionamento coincide com a expansão imperialista dos Estados modernos da Europa cujos governos através da ideologia hegemônica e da educação, justificavam a exploração das “raças inferiores” e naturalizavam a colonização, além de estimular a competição e o nacionalismo (PAULA, 2012).

A Geografia Escolar da Escola Moderna ia na contramão da educação tradicional da época, baseada na memorização de nomes e dados, carente de pensamento e criticidade, pelo que pode ser considerada Libertária. Segundo Hakim de Paula, era ensinado respeito aos povos da África e a geografia era concebida como uma disciplina capaz de compreender os fatos mundiais e locais, possibilitando a resolução dos problemas. Além disso, as saídas de campo eram consideradas essenciais pela pedagogia racional de Ferrer i Guardia (fato que, como

já vimos, Nídia Pontuschka resgatou). Hakim completa que as aulas abordavam os fatos na perspectiva dos oprimidos.

Quanto à concepção de Kropotkin sobre o ensino de geografia, em especial, o ensino para as crianças, Simon Springer (2016) afirma que ele o entendia como “um exercício intelectual emancipador, na medida em que permitiria despertar as pessoas para as harmonias da natureza, e a dissipar os preconceitos nacionalistas e racistas”. Uma promessa que a geografia sustenta. Através da pesquisa, constatou-se que Reclus era comprometido em estender o sentimento da compaixão e do amor para além dos laços sanguíneos ou da conterraneidade. Do seu ponto de vista, somos natureza e tomar consciência disso, é o que nos diferencia enquanto seres humanos. A ética ambiental de Reclus é surpreendente para a época. Destaca-se a sua capacidade em perceber as relações entre os aspectos naturais e sociais. Comparado a hoje, os impactos ambientais provocados pelas ações humanas são bem menos expressivos, mas mesmo assim, Reclus já falava em mudanças climáticas!⁵). O geógrafo foi o primeiro a usar o termo *Geografia Social*, numa época de dicotomias entre a Geografia Humana e a Geografia Física (o que, ainda hoje, custa a ser superado!).

Das propostas pedagógicas da Escola Moderna, ganham destaque: a coeducação dos sexos e das classes sociais, o laicismo, a ausência de recompensas e castigos, a criticidade, a educação integral, liberdade para os educandos expressarem suas opiniões a respeito dos acontecimentos geopolíticos, a autonomia na escolha do currículo e o Estudo do Meio. Para completar o nosso estudo, observe o primeiro chamado público da Escola Moderna:

PROGRAMA: A missão da Escola Moderna consiste em fazer com que os meninos e as meninas que lhe forem confiados se tornem pessoas instruídas, verdadeiras, justas e livres de qualquer preconceito. Para isto, o estudo dogmático será substituído pelo estudo racionalizado das ciências naturais. Ela estimulará, desenvolverá as aptidões de cada aluno, a fim de que, com a totalidade do próprio valor individual, não somente seja um membro útil à sociedade, mas que, como consequência, eleve proporcionalmente o valor da coletividade. [...] Para completar sua obra, a Escola Moderna será aberta às manhãs dos domingos, consagrando a classe ao estudo dos sofrimentos humanos durante o curso geral da história e à recordação dos homens eminentes nas ciências, nas artes ou nas lutas pelo progresso. A estas classes as famílias dos alunos poderão assistir. (FERRER I GUARDIA, 2010, p.7)

Dada a breve exposição do pensamento de anarquistas e de pesquisadores da Geografia Escolar, vale destacar a constatação de Marcelo Lopes de Sousa, uma vez que tal ajuda a entender o motivo pelo qual a teoria e prática anarquista da Educação, são ainda incipientes. Segundo Sousa (2010), os geógrafos ditos radicais, os de esquerda, ou assumidamente marxistas, ao pesquisarem os trabalhos de Kropotkin e Reclus, consideram que as ideias desses são inúteis à

⁵ *O homem, que por seus trabalhos também pode perturbar a estrutura dos rios, perturba igualmente a harmonia dos climas. Sem mencionar a influência totalmente local que as cidades exercem ao elevar a temperatura e, infelizmente, também poluindo a atmosfera, é certo que a destruição das florestas, e a cultura em vastas extensões, têm por consequência modificações significativas nas diversas estações.* Retirado de *Da ação humana na geografia física/Geografia comparada no espaço e no tempo*. São Paulo: Editora Imaginário/ Expressão e Arte Editora, 2010, grifo meu.

compreensão do espaço geográfico contemporâneo. Para Sousa, eles são tratados como peças de um museu ou como se fossem ancestrais que merecem reverência pelas causas que lutaram, mas que não são aplicadas à hoje. Essa forma de tratar os anarquistas como se fossem mitos ou estátuas não condiz às lutas travadas pelos anarquistas. Essa forma de enxergar é condizente com a perspectiva de que a anarquia seria um estágio de luta pré-política. Marcelo considera que as ideias anarquistas deveriam ser menos vistas como peças de museu e passarem a ser usadas como armas.

Sousa destaca o anarquista Murray Bookchin, que mesmo sem formação em geografia, elabora uma análise interdisciplinar e espacial que nos interessa. Em 1962, sete meses antes da publicação do famoso livro *A primavera silenciosa*, de Rachel Carson, lançou *Our Synthetic Environment* (“Nosso Meio Ambiente Sintético”, sem tradução para o português) com o pseudônimo de Lewis Herber; livro que critica o capitalismo e se volta para as questões ambientais, antecipando o movimento ambientalista. Springer (2016) atribui a pouca atenção dada ao trabalho de Bookchin, à radicalidade de suas ideias. Com destaque a *ecologia social* e o *municipalismo libertário*, seu *anarquismo pós-escassez* traz contribuições para as ciências humanas e à sociedade em geral. Com uma crítica à racionalidade que separa os fatores humanos dos naturais, Bookchin rompeu com as idéias marxistas e com a crença na revolução mundial do operário fabril, ainda na década de 1950. Ele considera que a concepção fundamentadora da modernidade capitalista, a qual entende o ser humano enquanto um ser externo à natureza é a causadora dos problemas socioambientais contemporâneos, o que remete à falta de consciência de que somos natureza, o que para Reclus é o nosso diferencial. Assim, devido aos avanços técnico-científicos a serviço do mercado (SANTOS, 2000), os impactos antrópicos na natureza atingiram proporções imensuráveis. Utilizando-se de uma teoria crítica, as atenções de Bookchin se voltam para a cidade e para o meio ambiente.

Vale ressaltar Springer quando afirma que as vezes que o pensamento anarquista esteve em alta, a sociedade passou por grandes transformações. Ele destaca o século XIX, período dos anarquistas clássicos citados, onde os acontecimentos da *Primavera dos Povos* em 1848 e da *Comuna de Paris*, em 1871, se sobressaem; o movimento de contracultura da década de 1960-70, tendo em *Maio de 68* uma práxis anarquista; e os movimentos populares mais recentes da *Primavera Árabe* e *Occupy Wall Street*. Acrescento ainda a experiência anarquista na Guerra Civil da Espanha (1936-39), suprimida pelas forças do General Franco e pelo exército comunista de Stálin. Para Springer (2016), há uma nova geração de geógrafos que desafiam as fronteiras da chamada geografia radical ao colocar a anarquia no centro de suas práticas, teorias, pedagogias e metodologias. Ao mesmo tempo, Springer considera a anarquia uma iniciativa geográfica, e ambas com muito o que acrescentar à outra.

Fruto da *Primavera Árabe*, a *Revolução de Rojava* na Síria, inspirada pelas ideias de Bookchin, implementaram um sistema próximo ao proposto por Proudhon. O chamado *Confederalismo Democrático*, está fundamentado em cooperativas autogestionadas e aldeias confederadas que trabalham pela autonomia, autossuficiência, liberdade de gênero e respeito às etnias, culturas e religiões. Bookchin é veemente ao dizer que a lei natural da competição, um dos pilares do capitalismo – junto à propriedade privada – é uma premissa falsa, inventada, para legitimar as hierarquias e a exploração do homem pelo homem e da natureza pelo homem. Uma vez feita a distinção, julga-se um superior ao outro e, dessa forma, a

exploração é admitida. Assim, passa a se considerar correta e até justa a exploração da natureza pelo homem, da mulher pelo homem e das “raças inferiores” pelo homem branco. Percebe-se clara influência de Kropotkin no pensamento de Bookchin, além da ética ambiental de Reclus. Ambos se opuseram ao darwinismo social da época do Neocolonialismo. Kropotkin não nega a competição na evolução biológica, mas entende que a cooperação é um fator tão importante quanto. E, para ele, em uma mesma espécie, quanto mais os indivíduos cooperam, maiores as chances de manterem a espécie:

Embora exista luta em proporção considerável entre classes ou espécies de animais ou entre as diferentes tribos destas últimas, a paz e o apoio mútuo são a regra dentro da tribo ou da espécie, e que as espécies que mais sabem se associar e evitar a competição têm as maiores probabilidades de sobrevivência e de posterior desenvolvimento progressivo. Estas prosperam, enquanto as não-sociais declinam. (KROPOTKIN, 2009, p.72)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ler os anarquistas do século XIX, identificamos semelhanças no ensino de Geografia. Apesar das fábulas e dos encantos dos avanços técnicos, moralmente, a sociedade ocidental está estagnada. Na denúncia ao sistema educacional da época, Kropotkin em *O que a Geografia deveria ser*, parece criticar a Geografia Escolar atual:

Realizaram-se pesquisas e descobriu-se, com estupor, que havíamos conseguido que esta ciência – a mais atrativa e sugestiva para pessoas de todas as idades – resulte em nossas escolas como um dos temas mais áridos e carentes de significado. Nada interessa tanto às crianças como as viagens; e nada é menos atrativo, em muitas escolas, do que aquilo que nelas é batizado com o nome de geografia. [...] desde a mais tenra infância inculca-se o desprezo pelos “selvagens”, ensina-se a considerar como se fossem verdadeiros crimes determinados hábitos e costumes dos “pagãos”, a tratar as “raças inferiores”, como são chamadas, como se fossem um verdadeiro câncer que somente deve ser tolerado enquanto o dinheiro ainda não penetrou. Até agora os europeus têm “civilizado os selvagens” com whisky, tabaco e seqüestros; os têm inoculado com seus vícios; os têm escravizado. (KROPOTKIN; RECLUS, 2011)

Observa-se que a educação, principalmente, a das crianças, era, e ainda é, pauta importante para os anarquistas. Isso ocorre, pois perceberam que os objetivos da Educação – e da Geografia – Oficial não eram de constituir pensamento crítico, mas o contrário. Eles compreenderam que a educação era uma doutrinação ideológica fundamentada na noção de Estado, o que implica fronteiras, território, povo, nação, soberania e guerras. Além disso, têm a Educação e a formação de cidadãos como indissociáveis, além de instrumento para construção de outro mundo. Essa, aliás, é também a perspectiva de Paulo Freire (2002) quando diz que para ele nunca fora possível separar o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos.

No século XIX, o desenvolvimento e a sistematização da geografia escolar e acadêmica estimularam o patriotismo e as guerras. A ruptura entre os socialistas

libertários e autoritários se dá devido à concepção anarquista de que a constituição de um Estado do povo não é o caminho para se alcançar a liberdade coletiva. Os anarquistas, em coerência com os princípios da AIT: a união e a solidariedade entre os povos e toda a humanidade, ultrapassaram a necessidade de haver uma instituição que, supostamente seria capaz de representar as ideias e as vontades dos cidadãos (ou, nas palavras de Bakunin, dos súditos). Quanto aos socialistas autoritários, a professora mineira Maria Lacerda de Moura os define:

Os comunistas russos são comunistas de Estado! Não compreendo comunismo de Estado. Não compreendo comunismo à força. Não chego a compreender comunismo com governo, comunismo sob ditadura... Comunismo é comunismo, e mais nada. Nem Estado, nem ditadura, nem governo. (MOURA, 2012, p. 115)

Porém, infelizmente, a posição que triunfou e realizou a Revolução (aqui vale nos questionar se, de fato, essa constitui um triunfo), cassou os anarquistas e mostrou-se um Estado autoritário como bem previram Tolstói e Bakunin. Desse fato, as ideias anarquistas pouco foram desenvolvidas e trabalhadas, por quase todo o século XX, ao passo que a influência marxista-leninista (e mesmo stalinista!) prevaleceu⁶. Lembremos que Reclus foi desenterrado, nas décadas de 1970 e 1980, Béatrice Giblin (1976). Muitas obras de Tolstói foram recuperadas por sua neta, nas décadas de 1980 e 1990. Kropotkin, ainda é pouco trabalhado nas escolas e, mesmo nas Universidades, tanto na Geografia quanto na Biologia. A pedagogia racionalista de Ferrer foi resgatada apenas recentemente por Pontuschka e a perspectiva de Bookchin é rara nos programas do ensino superior e da educação básica.

Portanto, a Geografia e a Educação que objetivam uma formação libertária em Geografia permanecem pouco mapeadas. Esse artigo é um esforço de sugerir caminhos. As anarquias abraçam as diversidades e não pretendem impor verdades. Como vimos, tem muito com o que contribuir àqueles que se preocupam com a educação geográfica dos sujeitos que frequentam as escolas. A anarquia não possui fórmula e preza pela não divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Marcelo Nunes de; PINTO, Marco Antônio Tavares. **Estudo do Meio: uma prática libertária**. IX ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA: Fala Professor(a)! Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB). Belo Horizonte, 17 a 21 de julho de 2019.

BAKUNIN, Mikhail. **a comuna de paris e a noção de estado**. *Locarno, de 5 a 23 de junho de 1871*. Verve, 10: 75-100, 2006.

BERDOULAY, Vincent. 1981, **La formation de l'école française de géographie, 1870-1914**, Paris, Bibliothèque Nationale.

⁶ Para ilustrar, oito anos após a publicação de *Fascismo: filho dileto da igreja e do capital*, de Maria Lacerda, Caio Prado Jr, muito mais conhecido que Maria, publicou, em 1942, *Formação do Brasil Contemporâneo*. Nele, a influência marxista diz que para haver uma revolução no Brasil, é necessário que antes se forme uma classe burguesa e um capitalismo de classes bem consolidado. Concepção bem diferente da lúcida análise da educadora libertária.

BOINO, Paul. **O pensamento geográfico de Élisée Reclus**. Élisée Reclus, Itineraries, Paris, 1998.

BOOKCHIN, Murray. **Por uma Ecologia Social**. Adquirido em 15/10/2019 de <https://www.nodo50.org/insurgentes/textos/ecosocial/02porumaecosocial.htm>

BOOKCHIN, Murray. **Municipalismo Libertário**. Adquirido em <https://www.nodo50.org/insurgentes/textos/autonomia/04municipalismo.htm>

BOOKCHIN, Murray. **Para um Novo Municipalismo**. Adquirido em <https://www.nodo50.org/insurgentes/textos/autonomia/11novomunicipalismo.htm>

BRIENT, Jean-François; FUENTES, Victor Leon. **Da servidão moderna**. Adquirido em <http://www.delaservitudemoderne.org/portugues1.html>

CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional da geografia: o professor**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

CAVALCANTI, Lana de Sousa. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. São Paulo: Papirus, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Sousa. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

FERRER I GUARDIA, Francesc. **A Escola Moderna**. Ateneu Diego Giménez 2010. Disponível em <https://difusaolibertaria.files.wordpress.com/2012/11/adg-a-escola-moderna.pdf>. Acessado 13 de Dezembro de 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GALLO, Sílvio. **Francisco Ferrer Guardia: o mártir da Escola Moderna**. Pro-Posições vol.24 no.2 Campinas May/Aug. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072013000200015>

GEBRAN, Raimunda Abou. **Oba, hoje tem Geografia! O espaço redimensionado da formação**. Tese (Doutorado em educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Educação, Campinas, 1996.

GIBLIN, Béatrice (1976): **Élisée Reclus: géographie, anarchisme**. Hérodote, n.o 2, pp. 30-48.

GOLDMAN, Emma. **Anarquismo: o que realmente significa?** Disponível em: <https://dispor.files.wordpress.com/2011/10/emma-goldman-anarquismo-o-que-realmente-significa.pdf>

KROPOTKIN, Piotr. **AJUDA MÚTUA: um fator de evolução**. A Senhora Editora, 2009.

KROPOTKIN, Piotr; RECLUS, Élisée. **Escritos sobre educação e geografia**. São Paulo: Editora Biblioteca Terra Livre, 2011.

LACOSTE, Yves. **Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**/Yves Lacoste; tradução Maria Cecília França. 2ed . Campinas, SP: Papirus, 1989.

LOPES, Claudivan S.; PONTUSCHKA, Nídia N. **Estudo do meio: teoria e prática**. Geografia (Londrina) v. 18, n. 2, 2009.

MOURA, Maria Lacerda de. **Fascismo: Filho Dileto da Igreja e do Capital**. Barricada Libertária, 2012. Edição Original: 1934.

PASSETTI, Edson; AUGUSTO, Acácio. **Educação e anarquia: abolir a escola**. Texto originalmente publicado como “Desobediências e disciplinas”, capítulo IV do livro *Anarquismos & Educação*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

PAULA, Amir El Hakim de. **AS AULAS DE GEOGRAFIA NAS ESCOLAS MODERNAS: TEORIA E PRÁTICA ANARQUISTA DE EDUCAÇÃO**. BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA, SÃO PAULO, no 92, 2012.

PEREIRA, Diamantino. **Geografia escolar: conteúdos e/ou objetivos?** Caderno Prudentino de Geografia. n. 17, Presidente Prudente, jul. 1995.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Geografia: pesquisa e ensino**. In: ALESSANDRI, A. F. Carlos (Org.). *Novos caminhos da Geografia*. São Paulo: Contexto, 1999.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1993.

RECLUS, Élisée. **Da ação humana na geografia física/Geografia comparada no espaço e no tempo**. São Paulo: Editora Imaginário/ Expressão e Arte Editora, 2010

SANTOS, Milton. **Por Uma Outra Globalização** – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SOUSA, Marcelo Lopes de. **GEOGRAFIA: A HORA E A VEZ DO PENSAMENTO LIBERTÁRIO**. Primeiro Colóquio Território Autônomo, UFRJ, 26 e 27 de outubro de 2010.

SPRINGER, Simon. **geografias anarquistas: uma breve genealogia**. verve, 30: 158-192, 2016.

TOLSTÓI, Liev. **O Reino de Deus está em vós ou O Cristianismo apresentado não como uma doutrina mística mas como uma moral nova**. 6a edição - Rio de Janeiro: BestBolso, 2019.

VESENTINI, José. Willian. **O ensino de Geografia no século XXI**. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, v. 17, n. 2, jul. 1987.

WOODCOCK, George. (org.). **Grandes Escritos Anarquistas**. Porto Alegre: LP&M, 1977. p. 128-131.

ZANATTA, Beatriz Aparecida. **As referências teóricas da geografia escolar e sua presença na investigação sobre as práticas de ensino**. educativa Goiânia, v. 13, n. 2, p. 285-305, jul./dez. 2010.